



Organização da Inteligência no Combate da Contra-Insurgência

Kyle Teamey e
Tenente-Coronel Jonathan Sweet, Exército dos EUA

A INTELIGÊNCIA EFETIVA, PRECISA e oportuna é essencial na condução de qualquer forma de enfrentamento, incluindo operações de contra-insurgência. O sucesso eventual ou o fracasso de uma missão depende da eficiência dos esforços da inteligência, cujo objetivo é conseguir entender a população da nação hospedeira, o ambiente operacional e os insurgentes, de maneira que os comandantes possam enfrentar as causas que alimentam a insurgência. A insurgência, notoriamente, é difícil de se avaliar. A organização do sistema padrão de inteligência militar desenvolvida para teatros de operações de guerra muito maiores do que os da contra-insurgência aumenta as dificuldades de avaliação.

O pessoal e os sistemas de inteligência precisam adaptar-se aos desafios apresentados pelo ambiente dos insurgentes para poder passar aos comandantes os dados de inteligência necessária. Essa é a “melhor prática” para lidar com a contra-insurgência, sem a qual os esforços para liquidá-la, provavelmente, redundariam em fracasso.²

Princípios

A experiência prática e a pesquisa apontam seis fatores no uso da inteligência na contra-insurgência diferente de seu uso em outras formas de guerra.

O primeiro e mais importante é que a inteligência na contra-insurgência trata a respeito de pessoas. Os comandantes devem entender o povo e o governo da nação hospedeira, as pessoas envolvidas na insurgência e as condições que causam esse movimento. Eles têm de entender as percepções, valores, crenças, interesses, o processo de tomada de decisões dos indivíduos e dos grupos. Esses requisitos são a base que norteia os esforços da coleta de informações.

A própria essência da contra-insurgência é a coleta da inteligência para o governo.

—Lucian W. Pye¹

Segundo, a contra-insurgência é uma guerra de inteligência. Ambos oponentes, insurgentes e contra-insurgentes precisam de capacitação inteligente para ser bem-sucedidos. Por conseguinte, tanto um grupo quanto o outro tenta criar e manter redes de inteligência e, ao mesmo tempo, lutar continuamente para neutralizar as forças de inteligência do grupo opositor.³

Terceiro, é preciso existir uma forte relação de feedback entre operações e inteligência. Isso pode ser positivo ou negativo. Inteligência eficiente leva a operações eficientes, produzindo, por sua vez, mais inteligência. Inteligência ineficiente ou incorreta leva a operações ineficientes, reduzindo, por sua vez, a capacidade de produção de inteligência eficiente.⁴

Quarto, todas as operações têm um componente de inteligência. Todos os efetivos devem considerar-se coletores em potencial de inteligência na sua interação com as pessoas. Por conseguinte, toda operação deveria incluir, como requisito, a coleta de informações inteligentes.

Quinto, a inteligência flui de baixo para cima na contra-insurgência e todos os escalões produzem e utilizam inteligência. Isso acontece por que as insurgências são como um mosaico, por serem locais e por terem uma grande variação no tempo e no espaço.⁵ A insurgência que um batalhão enfrenta é, muitas vezes, diferente daquela enfrentada por um batalhão adjacente. As unidades táticas no escalão brigada e subordinadas precisam de um forte apoio da análise e coleta de inteligência porque sua estrutura, nesse aspecto, é geralmente inadequada para lidar com o fenômeno em questão.⁶

Finalmente, as unidades em todos os escalões operam juntas em um mesmo ambiente. Os comandantes e os efetivos, em todos os escalões, devem coordenar a coleta e análise dos dados obtidos pela inteligência em coalizão com a nação hospedeira e com outras organizações de inteligência dos Estados Unidos.

Reiterando os Esforços

É preciso entender os desafios apresentados pelo ambiente da contra-insurgência e os fatores que a diferenciam nos teatros de operações mais importantes para, só então, alocar pessoal e equipamento apropriados. O pessoal da inteligência está normalmente concentrado em escalões acima do nível brigada e, relativamente, poucos no escalão brigada e organizações militares subordinadas. Não obstante, na contra-insurgência os requisitos para coletar e analisar dados de inteligência estão mais concentrados nas unidades do níveis brigada e inferiores. A habilidade dessas unidades em coletar e analisar esses dados de forma eficiente tem uma importância crítica na contra-insurgência. Esse aspecto tem sido considerado como a chave do sucesso dos Estados Unidos nas operações de contra-insurgência nas Filipinas em 1899-1902.⁷

Novas movimentações de pessoal de inteligência para servirem em equipes de combate de brigadas do exército tentam satisfazer plenamente os pré-requisitos, mas em alguns casos sua ausência ainda é sentida.⁸ O Corpo de Fuzileiros Navais dobrou ou triplicou o tamanho das seções de inteligência de seus batalhões no Iraque, deslocando tropas do nível

Kyle Teamey é o principal autor do capítulo sobre inteligência e a preparação da inteligência para o campo de batalha do apêndice do Manual de Campanha dos EUA, FM 3-24 Counterinsurgency. Ex-capitão do Exército de inteligência militar serviu em várias missões de comando e de estado-maior nos EUA e no Iraque. Atuou como analista junto aos sistemas BAE e Agência de Projetos de Pesquisa Avançada em Defesa. Teamey é Bacharel em Engenharia pelo Dartmouth College.

O Tenente-Coronel Jonathan E. Sweet é oficial de Inteligência Tática e colaborador do Manual de Campanha, FM 3-24, Counterinsurgency. Ele é Bacharel pela East Carolina University e Mestre pelo Joint Military Intelligence College. É graduado pela Escola de Comando e Estado-Maior dos EUA. O Tenente-Coronel Sweet serviu em várias missões de comando e de estado-maior no território continental dos Estados Unidos, no Iraque e no Kuwait. Ele participou com a 101ª Divisão Aeroterrestre (Assalto Aéreo) durante as operações Desert Storm, Desert Shield e Iraqi Freedom.

divisão e de sua força expedicionária. A técnica funciona e poderia ser utilizada no Exército, embora isso fosse implicar na transferência de pessoal de inteligência de escalões superiores para operar em batalhões.⁹

Rebaixar o pessoal da coleta de dados para as unidades táticas beneficia a todos os escalões. Os benefícios implicam em melhoria das habilidades de coleta das unidades táticas, assegurando que os relatórios percorram os canais apropriados até alcançarem as audiências dos escalões superiores, enquanto que os coletores se colocam mais próximos dos insurgentes.

Os coletores de dados de inteligência humana (*HUMINT*), os agentes de contra-inteligência e as plataformas de informações de sinais (*SIGINT*) serão elementos particularmente importantes que se somarão aos esforços do nível tático, sendo a *HUMINT* o esforço prioritário. No Iraque, porém, a demanda por esse tipo de pessoal seguidamente excede as forças disponíveis por que a contra-inteligência/*HUMINT* são necessárias para muitas missões críticas como a construção e o gerenciamento de redes, o interrogatório de insurgentes e a demissão de trabalhadores locais.¹⁰

Os batalhões também precisam de mais analistas. Atualmente as seções de inteligência dos batalhões têm falta de pessoal para coletar informações pós-ação das patrulhas, analisar dados de inteligência que chegam de múltiplas fontes e realizar análises das companhias de inteligência militar.¹¹

Os analistas podem, também, ser úteis no nível de companhia. Isso acontece quando uma subunidade combatente tem uma determinada área de operações (A Op) e precisa coletar uma grande quantidade de informações a respeito de pessoas e de insurgentes nessa área.

Um analista pode auxiliar um comandante de companhia e seus subordinados a coletar e processar informações, retratando um mapa da situação da A Op.¹² O rebaixamento de analistas ao nível tático os colocaria mais próximos dos coletores de informação, o que viria a melhorar o quadro total da inteligência, ajudando o pessoal dos escalões a preencher os requisitos de informação prioritária (*priority information requirements* — *PIRs*). Quando não há analistas à disposição, os comandantes têm de alocar

pessoal de outras áreas para trabalhar na seção de inteligência. A evidência indica ser prático o uso de pessoal não especializado para trabalhar em missões de contra-insurgência. Mesmo que sejam providenciados coletores e analistas adicionais para as unidades táticas, a falta de tradutores pode limitar a sua eficiência. Essas pessoas são importantes para interagir com os habitantes locais, para traduzir informações da mídia e de documentos capturados, bem como desempenhar outras tarefas. Um batalhão de infantaria no Iraque pode requerer de 30 a 40 tradutores fluentes em árabe.¹³ A falta deles é um obstáculo nas operações de contra-insurgência,

O sucesso eventual ou o fracasso de uma missão depende da eficiência dos esforços da inteligência, cujo objetivo é conseguir entender a população da nação hospedeira, o ambiente operacional e os insurgentes, de maneira que os comandantes possam enfrentar as causas que alimentam a insurgência.

seguidamente citada como uma limitação na guerra do Iraque e Afeganistão.¹⁴

Nós deveríamos pensar em criar uma célula de operações de inteligência conjunta ou combinada, tanto no nível de um teatro de operações como em âmbito nacional para assegurar a unidade de esforço de inteligência em ambos os níveis. De modo ideal, a célula consistiria de duas seções complementares, uma no teatro de operações preenchendo os requisitos de seu comandante e de unidades subordinadas e a outra fora do teatro, preenchendo os requisitos de inteligência dos líderes nacionais americanos. Para assegurar a continuidade e o conhecimento da situação deveria haver um rodízio entre as duas seções da célula de inteligência de forma regular.

Uma consideração final diz respeito ao treinamento do pessoal da inteligência. Uma contra-insurgência eficiente exige que o pessoal de inteligência seja treinado nos fatores sócio-culturais de sua A Op,

além de ser capaz de avaliar grupos sociais e culturais para que seus comandantes possam entender melhor as sutilezas de sua A Op.

O pessoal da inteligência deve ser capaz de:

- Identificar e avaliar as redes, determinar quem são os insurgentes e de que modo operam;
- Treinar para poder operar em um ambiente conjunto ou combinado; e
- Montar um quebra-cabeça com milhares de peças de informação, de sorte a produzir um quadro compreensível que permita uma análise, com poder de previsão, baseada nas habilidades e intenções dos insurgentes.

Além do mais, cada unidade encarregada de uma A Op deve ter um número adequado de oficiais e pessoal engajado e treinado em operações *HUMINT*.

Já é hora de prender nossos adversários no Iraque e no Afeganistão. Uma forma de fazê-lo é com um sistema de inteligência melhor organizado, melhor equipado e mais veloz.

A Organização dos Esforços de Coleta

O objetivo da coleta de inteligência na contra-insurgência é determinar quais fatores a desencadeiam e, ao mesmo tempo, repassar aos comandantes a informação sobre eles e as formas de revertê-los ou mitigá-los. É claro que a coleta de inteligência deveria focalizar aquelas pessoas da A Op que estão envolvidas ou apóiam atividades de insurgência.

A célula de inteligência do teatro, de uma maneira geral, deveria coordenar todos os esforços dessa atividade. Não obstante, por causa da natureza localizada das insurreições, as unidades táticas devem ter flexibilidade para formular e coletar os dados de inteligência que necessitam. As vantagens de equilibrar as tarefas e os requisitos de inteligência atingem a todos os escalões, isso por que descrições corretas no nível tático facilitam que as descrições no nível de

teatro sejam abrangentes, integradas e acuradas.

O pessoal treinado em várias disciplinas de inteligência será responsável pela maior parte da coleta de contra-insurreição, mas não serão, necessariamente, os principais redatores de relatórios. Como foi citado anteriormente, todos os membros em serviço são, potencialmente, coletores de dados. As operações táticas do dia-a-dia deveriam ser parte do plano de coleta. Toda patrulha ou missão deveria receber, além dos requisitos de operação, os de coleta de inteligência; os requisitos de informação prioritária deveriam ser entendidos até o menor escalão; e todas as unidades deveriam apresentar relatórios depois de cumprirem uma missão. Reuniões sobre erros e acertos das missões (debriefings) e outros relatórios operacionais constituem-se em uma importante forma de inteligência humana na contra-insurgência.¹⁵ Em alguns casos, um relatório sobre inteligência humana fora dos padrões, tais como encontros e debriefings de patrulhas, pode ser a primeira forma de inteligência para uma área.¹⁶

Para que uma coleta seja efetiva, deve haver um canal do pessoal de operações e analistas para que possam proporcionar um feedback para os coletores. Esse procedimento é necessário para que os relatos sejam relevantes, a fim de encorajar o desenvolvimento de verdadeiras redes de inteligência humana e para manter um entendimento preciso do ambiente de operações.

O feedback deve chegar a todos os coletores, inclusive ao pessoal encarregado da produção de relatos de entrevistas e/ou interrogatórios. O feedback pode incluir avaliação positiva ou negativa da fonte de inteligência, solicitações para informação adicional ou novos requisitos de coleta.

A Organização do Esforço Analítico

O propósito da análise é converter a matéria-prima do relatório em produtos de inteligência que proporcionem apoio confiável às operações. A análise da inteligência na contra-insurgência pode ser considerada um desafio. Os analistas devem entender essa teia complexa produzida em conjunto pela sociedade e pelo conflito, percepções e culturas; por centenas e até



Departamento de Defesa

Os fuzileiros navais americanos com uma equipe de operações psicológicas incorporadas ao 1º Batalhão, 25º Regimento de Fuzileiros Navais, afixam panfletos antiterroristas durante uma operação de busca e aprisionamento em Fallujah, Iraque. (20 Ago 2006)

milhares de personalidades e as relações entre elas. A natureza local das insurgências e a tendência inerente de mudar através do tempo, acrescentam maior complexidade à análise. A análise da contra-insurgência tem mais a ver com a aplicação da lei do que uma operação de guerra mais importante.¹⁷

Um número maior de analistas deve ser colocado no estado-maior das brigadas e dos batalhões, a fim de que tenham o apoio analítico necessário. A análise tática no nível brigada e em suas organizações militares (OM) subordinadas é a base da inteligência operacional desenvolvida pelos escalões superiores. O fluxo de baixo para cima, na inteligência da contra-insurgência deveria dar forma à priorização das fontes de inteligência. Os batalhões e brigadas desenvolvem um quadro de inteligência em suas áreas de operação; os escalões superiores fundem esses quadros táticos em uma avaliação da insurgência compatível com um teatro de operações.

Há duas funções básicas de análise em todos os escalões: análise da rede e das ações do inimigo. Esse último tipo de análise é comumente chamado

de análise das operações atuais ou correntes, por que tem por objetivo as operações do inimigo em andamento. A análise da rede focaliza as pessoas de uma área de operações, produzindo um entendimento das inter-relações, idéias e crenças que sustentam as ações insurgentes. As operações de inteligência atuais ajudam a determinar as condições para aviso de ameaça e as capacidades métricas do inimigo, enquanto que a análise de rede produz inteligência para determinar o alvo, o planejamento e efeitos de sincronização. Os comandantes tendem a se concentrar nas operações correntes graças à análise de rede. Não obstante, para assegurar um entendimento completo da insurgência e do ambiente operacional é mister que alguns analistas, especialmente no nível brigada e acima, façam análise de rede.

A complexidade em analisar uma insurgência é tamanha que um analista leva meses para entender completamente o ambiente do campo de batalha e da insurgência. Além disso, as ações dos insurgentes se prolongam por anos, exigindo dos analistas uma visão de longo prazo.¹⁸

Por essas razões, os analistas deveriam observar a insurgência pelo tempo que fosse necessário, contando para isso com o auxílio da inteligência de outros setores do estado-maior, participando e acompanhando a luta das sedes de suas unidades.

A transferência de dados entre as unidades não deve sofrer interrupções. Os processos devem estar organizados para assegurar que os analistas que tenham de entrar no teatro de operações sejam capazes de entender o quadro descrito pela inteligência, o plano da inteligência e a aplicabilidade dessa informação

O propósito da análise é converter a matéria-prima do relatório em produtos de inteligência que proporcionem apoio confiável às operações.

gerada pelo banco de dados. Sem continuidade, o quadro desenhado pela inteligência, terá de ser redesenhado a cada rodízio de tropa e não haverá uma análise de longo prazo da insurgência.

A Organização do Fluxo da Informação

Freqüentemente, as insurgências variam no tempo e no espaço, sendo que os insurgentes se adaptam rapidamente às operações de contra-insurgência. O fluxo de informações de inteligência entre as unidades deveria refletir essas realidades. Se assim não o for, será impossível para os comandantes penetrar no ciclo de tomada de decisão dos insurgentes.

As unidades devem ser capazes de transmitir a inteligência rapidamente, para conseguir rastrear o inimigo que se movimenta regularmente através de suas fronteiras. Tradicionalmente, a inteligência tem sido passada de forma hierárquica, o que não funciona muito bem porque, normalmente, o processo é lento e difícil.

Por exemplo, um insurgente poderia dirigir-se de Mosul para Ramadi em menos de um dia, mas uma requisição formal de informação, sobre

aquela mesma pessoa, poderia levar mais do que um dia por ter de passar através dos escalões brigada e divisão. Uma forma de contornar esse problema seria manter uma lista de contatos com seções e unidades de inteligência que abrangeria todo o teatro de operações. Tal lista ou rede permitiria que rapidamente se encontrasse a pessoa para se compartilhar os dados necessários de inteligência. Essa troca *ad hoc* poderia ocorrer por e-mail, salas de conversa, telefonia segura ou outros meios. Não importa o método, o que importa é compartilhar a inteligência de forma rápida e abrangente para que seja possível penetrar no ciclo de planejamento dos insurgentes.

O requisito de compartilhamento *ad hoc* de inteligência significa que a tecnologia da informação é particularmente importante na contra-insurgência. Para apoiá-la, as companhias deveriam estar conectadas taticamente por intermédio da internet, de sorte que seus comandantes pudessem rapidamente compartilhar informações sobre as táticas, técnicas e procedimentos do inimigo em suas áreas de operação. Esse compartilhamento tem, comprovadamente, melhorado a eficiência das unidades do nível esquadrão até divisão.¹⁹ Os equipamentos de comunicações disponíveis têm sido uma limitação para muitas unidades, indicando que aqueles que estão em uso atualmente e a arquitetura disponível, no nível de brigada e suas OM, poderiam ser inadequados para as operações de contra-insurgência.

Uma segunda forma de nivelar a tecnologia de informação é dividi-la com unidades que ainda não estão no teatro. As seções de inteligência nos níveis brigada e divisão levam, geralmente, entre 45 e 60 dias no teatro antes que se considerem prontas para rastrear e avaliar uma insurgência de forma eficiente.²⁰ Com o acesso adequado às táticas veiculadas pela internet, as unidades que estão fora podem rastrear o que se passa dentro do teatro, solicitar informação dessas unidades e treinar em uma área de operações relevante ao seu futuro desdobramento. Essas unidades estariam assim, sendo capacitadas a entender as ameaças e o ambiente de operação no teatro e diminuiriam sua curva de aprendizagem durante a fase inicial do desdobramento. Infelizmente,

a falta de equipamentos de comunicações e de uma estrutura adequada podem restringir o compartilhamento das informações com as unidades fora do teatro.

Tais limitações apontam, novamente, para a necessidade de se melhorar as habilidades de comunicação se quisermos implementar uma melhor eficácia da unidade.

Finalmente, a célula de inteligência do teatro de operações deve criar um banco de dados para rastrear os insurgentes e dirigir os relatos de inteligência. A informação sobre a insurgência vem aos poucos, o que exige consolidação e análise para se formar um quadro inteligível.²¹ Um banco de dados comum faria com que esse processo fosse possível. Sem um banco de dados, organizações e unidades desenvolveriam quadros diferentes e apenas parcialmente completos, além de desorganizar um ambiente complexo de operações. Um banco de dados comum deve ser facilmente encontrado, possuindo uma padronização de nomes, de forma que os analistas possam encontrar a informação que procuram sem ter que registrar os mesmos insurgentes duas vezes por causa de erros de grafia.

A Fusão e a Coordenação da Inteligência

Em razão da natureza conjunta e combinada das operações de contra-insurgência, observar uma rígida hierarquização da inteligência entre várias agências pode ser uma dificuldade. Os problemas adicionais incluem a duplicação de esforços e de relatos, que ocorrem quando dois coletores recebem o mesmo dado de inteligência da mesma fonte e a relatam de forma independente.²² Para evitar esses e outros problemas, os comandantes em cada escalão deveriam formar uma célula de inteligência *ad hoc*, semelhante a uma força-tarefa de inteligência combinada que pudesse incorporar recursos de inteligência da comunidade que opera em seu espaço de combate bem como incluir na sua análise de coleta os esforços para alcançar os objetivos. A célula deveria conduzir encontros regulares para compartilhar as prioridades da coleta, atividades e operações para evitar conflitos de dados, discutir o sistema de designação de alvos ou objetivos,

Os Princípios da Inteligência que Devem Nortear a Contra-insurgência:

- 1** A inteligência na contra-insurgência trata com pessoas.
- 2** A contra-insurgência é uma guerra de inteligência.
- 3** As operações e a inteligência devem alimentar-se de forma recíproca.
- 4** Todas as operações têm um componente de inteligência.
- 5** As insurgências são locais, variam grandemente no tempo e no espaço e assemelham-se a um mosaico.
- 6** Em um ambiente conjunto e combinado, todos os escalões devem trabalhar com a inteligência.

compartilhar os resultados das operações e, por fim, estabelecer e manter um conhecimento conjunto da situação na área de operações.

Tal célula de inteligência permitiria a economia de força e seus encontros construiriam a confiança mútua entre seus membros e melhorariam o entendimento de suas missões, capacidades e limitações. Quando integrada em reuniões para a seleção de alvos, para abordar a melhor forma de obtenção de informações sobre os objetivos ou com os S2/E2 para que se evite conflitos, a célula de inteligência permitiria melhor o conhecimento do comandante sobre as atividades inimigas, o clima local e as forças amigas na A Op. A incorporação dos serviços de inteligência da nação hospedeira, de suas forças militares, de seus oficiais do governo e dos parceiros da Coalizão em uma célula de inteligência deveria também ser considerada um fator que nutre o trabalho de grupo, enriquece o

conhecimento das atividades e costumes locais e prepara a nação hospedeira para assumir sua missão quando as forças de Coalizão deixarem a área.

Uma Vez Mais

Para obter êxito, as forças de contra-insurgência devem receber um pesado apoio da inteligência. Além disso, o contra-insurgente deve, continuamente, avaliar e priorizar sua organização e alocação das forças de inteligência para assegurar que os comandantes

recebam um quadro tão completo quanto possível desses dados. A rapidez é outro fator importante das informações no trato da contra-insurgência: quanto mais rapidamente o pessoal da inteligência desenvolver um entendimento da insurgência, tanto mais cedo eles poderão lidar com ela e maior será o potencial para reduzir a duração e a intensidade do conflito. Já é hora de prender nossos adversários no Iraque e no Afeganistão. Uma forma de fazê-lo é com um sistema de inteligência melhor organizado, melhor equipado e mais veloz. **MR**

Referências

1. PYE, Lucian; "The Roots of Insurgency", Harry Eckstein, editor, *Internal War* (Nova York, Free Press, 1964), p. 177.
2. SEPP, Kalev; "As Melhores práticas de Contra-Insurreição", *Military Review*, edição brasileira (setembro-outubro de 2005); p. 2
3. LYNN, John A. "Modelos de Insurreição e de Contra-Insurreição", *Military Review* (novembro-dezembro de 2005); p. 36
4. NAGL, John; *Learning to Eat Soup with a Knife: Counterinsurgency Lessons from Malaya and Vietnam* (Chicago, Illinois: University of Chicago Press, 2005), p. 4. No prefácio do livro em brochura, o Tenente-Coronel Nagl cita a dinâmica de operações de inteligência como um dos maiores desafios quando era um oficial de operações do batalhão no Iraque.
5. CRANE, Conrad; comunicação pessoal com o autor, janeiro-junho de 2006. O Dr. Crane dirige o esforço de formular o novo manual de contra-insurgência do Exército, o *FM 3-24*. Empregou o termo "guerra mosaico" para descrever as insurgências.
6. MATHEWS, Pete e LIU, Jesamyn "Military Intelligence Transformation", pp. 1-2. Os cadetes Mathews e Liu escreveram este ensaio para a General Barbara Fast, a fim de avaliar a capacidade da inteligência do Exército de apoiar as operações de contra-insurgência. Mathews e Liu determinaram que as companhias de inteligência militar nos níveis brigada e inferiores não tinham os meios necessários para apoiar adequadamente as operações em uma contra-insurgência. Citam especificamente os números inadequados do pessoal de HUMINT, lingüistas e analistas, bem como as inadequadas capacidades de adestramento.
7. LINN, Brian McAllister; "Intelligence and Low-Intensity Conflict in the Philippine War, 1899-1902", *Intelligence and National Security* 6 (janeiro de 1991): pp. 96-109. LINN mantém que a inteligência ineficaz no âmbito do teatro de operações obrigou às unidades táticas a realizarem seus próprios esforços de inteligência. Conclui que esta situação resultou no êxito da contra-insurgência porque a escassez de informações provenientes dos escalões superiores "praticamente obrigou a cada comandante ser seu próprio oficial de inteligência e estabelecer uma rede desenhada para sua própria área". A experiência nas Filipinas destaca a importância da inteligência local, mas não evita a necessidade da inteligência no nível teatro de operações.
8. MATHEWS e LIU, p. 2
9. O pessoal de inteligência do Corpo de Fuzileiros Navais tem observado alguns aspectos negativos na designação de pessoal para subunidades: pode causar problemas com a integridade de unidades e resultar em um ritmo operacional mais rápido para o pessoal de inteligência que para outros integrantes do Corpo de Fuzileiros Navais. Não obstante, estender este programa ao Exército, envolvendo escalões superiores a Corpo-de-Exército, o Comando de Inteligência e Segurança do Exército dos EUA e possivelmente as agências nacionais de inteligência, assim como, os terceiristas de defesa, provavelmente terão suficiente pessoal disponível para melhor apoiar os esforços de contra-insurgência enquanto mantém outros requerimentos ao redor do mundo.
10. PETRAEUS, General David H.; "Aprender sobre as Operações de Contra-insurgência: Observações após ter servido no Iraque", *Military Review* (maio-junho de 2006): p. 2. O General Petraeus destaca que sua unidade requereu muitos elementos e meios de HUMINT para coletar inteligência para determinar sua lista de objetivos insurgentes.
11. MATHEWS e LIU, p. 2
12. KILCULLEN, Tenente-Coronel David, "28 Artigos: Fundamentos da Contra-insurgência a Nível de Companhia", *Military Review* edição brasileira (setembro-outubro de 2006): p. 53. Kilcullen recomenda o estabelecimento de uma seção de inteligência no nível companhia para possibilitar a coleta e avaliação dos dados de inteligência na sua área de operações. Essa seção é especialmente importante neste nível, se a companhia estabelece a sua própria inteligência da interação com a população, em vez de receber produtos de inteligência do escalão superior.
13. Este era o número de intérpretes considerado necessário para os batalhões da 101ª Divisão Aerotransportada em seu primeiro desdobramento para o Iraque na Operação *Iraqi Freedom*. Entre 30 e 40 intérpretes por batalhão refletem as necessidades da missão da unidade em termos do número e frequência de patrulhas e outras operações que requeiram a interação com a população em uma área de operações. Isto permite ao batalhão ter pelo menos um intérprete por esquadra com intérpretes adicionais disponíveis para os líderes.
14. HAMMES, T.X.; "Interpreters for Iraq: Lost in Translation", *New York Times*, 26 de agosto de 2005, p. 14. Disponível em: <www.nytimes.com/2005/08/24/opinion/24hhammes.html?ex=1282622400&en=4aa8328d2a8a985c%ei=5090&p artnr=rsuserland&emc=rss>.
15. GRAU, Tenente-Coronel (R) Lester ; "Something Old, Something New: Guerrillas, Terrorists and Intelligence Analysts", *Military Review* (julho-agosto de 2004): p. 33
16. HARVEY, Derek comunicação pessoal, junho de 2006. O Coronel Harvey foi oficial de inteligência na Força-Tarefa Conjunta e Combinada 7, participando intensamente nas negociações com os insurgentes em Faluya na primavera de 2004. Harvey disse que a maioria da inteligência da batalha de Faluya era registrada pelo pessoal de operações na forma de análise pós-ação e correios eletrônicos. Esta HUMINT não padronizada não foi eficazmente registrada nem transmitida e, portanto, representa uma perda de inteligência valiosa.
17. GRAU, p. 33.
18. BARNO, David W. "Challenges in Fighting Global Insurgency", *Parameters* (verão de 2006): p. 23
19. MICHAELIS, Major Patrick; comunicação pessoal com o autor, março de 2005 e fevereiro de 2006. O Major Michaelis desenvolveu o software Cavnet para compartilhar a informações no âmbito da 1ª Divisão de Cavalaria no seu deslocamento no Iraque para a Operação *Iraqi Freedom* em 2004 e 2005. O sistema funcionou para compartilhar a informação e inteligência tática, estando, ainda, sendo empregado no Iraque e na atualidade está em vias de desenvolvimento na Agência de Projetos Avançados de Investigação do Departamento de Defesa (DARPA).
20. MARTI, Major Michael; comunicação pessoal com o autor, junho de 2006. O Major Marti fez uma pesquisa informal das seções de inteligência de brigada e divisão que chegaram e saíram do Iraque entre 2003 e 2005. Os que responderam aos questionários proporcionaram um limite de 45 a 60 dias como o período necessário para estabelecer uma estrutura eficaz de inteligência e desenvolver um entendimento completo de uma área de operações.
21. RUSSELL, Charles A. e HILDNER, Major Robert E.; "Intelligence and Information Processing in Counterinsurgency", *Air University Review* (julho-agosto de 1973), Disponível em <www.airpower.maxwell.af.mil/airchronicles/aureview/1973/jul-aug/russell.html>.
22. GRAU, p. 33.